

Saúde da Criança e do Adolescente: Instrumentos Norteadores e de Acompanhamento

Marilande Carvalho de Andrade Silva
(Organizadora)



Saúde da Criança e do Adolescente: Instrumentos Norteadores e de Acompanhamento

Marilande Carvalho de Andrade Silva
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S255 Saúde da criança e do adolescente [recurso eletrônico] : instrumentos norteadores e de acompanhamento / Organizadora Marilande Carvalho de Andrade Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-81740-17-7
 DOI 10.22533/at.ed.177201102

1. Crianças – Cuidado e tratamento. 2. Adolescentes – Saúde e higiene. I. Silva, Marilande Carvalho de Andrade.

CDD 649.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A saúde relacionada aos períodos que se refere a criança e adolescência reflete a percepção de vários autores que pesquisam a problemática relacionada às fases iniciais do desenvolvimento do ser humano.

Portanto, a organização deste livro é resultado dos estudos desenvolvidos por diversos autores e que tem como finalidade sensibilizar profissionais e gestores para a assimilação pautada na educação em saúde, para a busca da melhoria do cuidado ofertado às crianças e adolescentes.

O livro “Saúde da Criança e do Adolescente: Instrumentos Norteadores e de Acompanhamento” apresenta um compilado de 19 artigos distribuídos em temáticas que abordam desde a assistência maternidade até a fase da adolescência, com um olhar diversificado e multiprofissional de pesquisadores de várias Instituições, que buscam a melhoria da qualidade de vida e do processo inicial da vida.

Esta coletânea tem seu potencial demonstrado através do objetivo de impulsionar a pesquisa e construção de saberes interdisciplinares voltados às diversas áreas que se interligam, buscando a consolidação do olhar na saúde da criança e do adolescente.

Convido-os, portanto a adentrar nesse mundo que traz uma contribuição relevante e com a importância de organizar os serviços de saúde em busca da melhoria e da qualidade da assistência ofertada à população envolvida.

Marilande Carvalho de Andrade Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA PASSAGEM DE PLANTÃO PARA A SEGURANÇA DO PACIENTE EM OBSTETRÍCIA	
Thauane Luara Silva Arrais Cintia de Lima Garcia Andrezza Gabrielle Pereira da Nóbrega Clecyanna da Silva Santos Fabia Maria da Silva Elaine Cristina Barboza de Oliveira Cibele do Nascimento Cicera Danielle dos Santos Biró Maria Aline Andrade da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1772011021	
CAPÍTULO 2	15
QUALIDADE DO AMBIENTE DE BERÇÁRIOS E ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS	
Samyra Said de Lima Elson Ferreira Costa Lília Iêda Chaves Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.1772011022	
CAPÍTULO 3	31
RELAÇÃO ENTRE O ÍNDICE APGAR E AS CARACTERÍSTICAS MATERNO-OBSTÉTRICAS	
Jéssica Aparecida Cortes Isabella Queiroz Jennifer Oliveira Inácio Jéssica Pereira Dias Vitória Borges Cavaliere Giselle Cunha Barbosa Safatle Natália de Fátima Gonçalves Amâncio	
DOI 10.22533/at.ed.1772011023	
CAPÍTULO 4	39
AVALIAÇÃO DA REALIZAÇÃO DO “TESTE DA LINGUINHA” EM RECÉM-NASCIDOS NAS MATERNIDADES DA GRANDE VITÓRIA – ES	
Ana Maria Martins Gomes Jenifer Garcia Rocha Elaine Cristina Vargas Dadalto Lilian Sarmiento City Antônio Augusto Gomes Ana Paula Martins Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1772011024	
CAPÍTULO 5	49
FATORES ASSOCIADOS À INTRODUÇÃO PRECOCE DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR EM RIO BRANCO, ACRE	
Neuza dos Santos Silva Neta Rita de Kássia Souza da Silva Ludimilly de Souza Samaira Cristina Mendonça Matos Thaíla Alves dos Santos Lima	

Ingridi Kely Bezerra dos Santos
Isliane Verus Magalhães
Suellen Cristina Enes Valentim da Silva
Thaísa Castello Branco Danzicourt
Andréia Moreira de Andrade
Fernanda Andrade Martins
Alanderson Alves Ramalho

DOI 10.22533/at.ed.1772011025

CAPÍTULO 6 69

CONSUMO ALIMENTAR ASSOCIADO À CONCENTRAÇÃO DE HEMOGLOBINA ENTRE PRÉ-ESCOLARES

Elida Mara Braga Rocha
Maria Elisabeth Medeiros Feitosa
Cícero Jonas Rodrigues Benjamim
Amanda Forster Lopes
Sílvia Maira Pereira
Amanda de Andrade Marques
Maria Auxiliadora Macêdo Callou
Mariana Machado Bueno
Karina Moraes Borges
Aline Muniz Cruz
Sophia Cornbluth Szarfarc

DOI 10.22533/at.ed.1772011026

CAPÍTULO 7 81

PROMOVENDO AS HABILIDADES PREDITORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM PRÉ-ESCOLARES

Raphaella Barroso Guedes-Granzotti
Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César
Aline Cabral de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1772011027

CAPÍTULO 8 88

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO DO CHILDREN'S DEPRESSION INVENTORY 2

Marcelo Xavier de Oliveira
Renata da Silva Araújo
Adyson da Silva Diógenes

DOI 10.22533/at.ed.1772011028

CAPÍTULO 9 100

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO MULTIPROFISSIONAL NOS TRATAMENTOS NEUROCOGNITIVOS

Synara Suellen Lebre Félix
Lília Raquel Fé da Silva
Daisy Cristina da Silva Guerra
Edmilson Pereira Barroso
Alanna Ferrari Nonato
Cícera Mariana da Silva Bayma Tavares
Anna Júlia Lebre Félix
Maria Júlia Enes Lebre Félix
Hana Lis Paiva de Souza

DOI 10.22533/at.ed.1772011029

CAPÍTULO 10 108

ESQUIZOFRENIA INFANTIL: UM RELATO DE CASO NO MARANHÃO

Izabely Lima Assunção
Ana Karoline de Almeida Mendes
Byanca Pereira Borges
Camila Judith Sousa San Lucas
Danielle Brena Dantas Targino
Isabel Alice Ramos Fonseca
Juliana Gomes Cruz
Juliana Silva Carvalho
Marina Quezado Gonçalves Rocha
Raissa Melo Feitosa
Rodrigo Borges Arouche
Hamilton Raposo de Miranda Filho

DOI 10.22533/at.ed.17720110210

CAPÍTULO 11 116

CARACTERIZAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS COM DOENÇAS NEUROLÓGICAS INTERNADAS EM UNIDADE PARA PACIENTES CRÔNICOS

Mara Marusia Martins Sampaio Campos
Larice Felix de Sena
Samira de Moraes Sousa
Maria Valdeleda Uchoa Moraes Araujo
Kellen Yamille dos Santos Chaves
Cristiana Maria Cabral Figueirêdo
Sandra Mara Benevides Caracas
Auralice Maria Rebouças Machado Barroso
Karla Pimentel de Araújo
Cíntia Maria Torres Rocha Silva
Thais Sousa Pinto Ferreira
Lucia Goersch Fontenele

DOI 10.22533/at.ed.17720110211

CAPÍTULO 12 128

ALTERAÇÕES METABÓLICAS E O RISCO CARDIOVASCULAR EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM HIV/AIDS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Dalyla da Silva de Abreu
Nayra Anielly Cabral Cantanhede

DOI 10.22533/at.ed.17720110212

CAPÍTULO 13 139

INVESTIGAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE DESNUTRIÇÃO EM ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – AC

Alice da Silva Malveira

DOI 10.22533/at.ed.17720110213

CAPÍTULO 14 145

A EXPERIÊNCIA DE UM ODONTÓLOGO NO ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UM SERVIÇO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

Benhur Machado Cardoso
Lídia Isabel Barros dos Santos Silveira

DOI 10.22533/at.ed.17720110214

CAPÍTULO 15	156
HOMICÍDIO EM ADOLESCENTES NO RECIFE: UM RECORTE NO ESPAÇO URBANO	
<ul style="list-style-type: none"> Maria Olívia Soares Rodrigues Conceição Maria de Oliveira Amanda Priscila de Santana Cabral Silva Wildson Wellington Silva 	
DOI 10.22533/at.ed.17720110215	
CAPÍTULO 16	167
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL NA ADOLESCÊNCIA	
<ul style="list-style-type: none"> Marcelo Xavier de Oliveira Renata da Silva Araújo Vânia Damasceno Costa 	
DOI 10.22533/at.ed.17720110216	
CAPÍTULO 17	179
PATERNIDADE ADOLESCENTE: REVISÃO SISTEMÁTICA	
<ul style="list-style-type: none"> Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Eduarda Silveira Souza Ferro Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ana Caroline dos Santos Silva Kedma Augusto Martiniano Santos 	
DOI 10.22533/at.ed.17720110217	
CAPÍTULO 18	192
PANORAMA DO TRAUMA DURANTE O NASCIMENTO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2009 A 2018: UM ESTUDO ECOLÓGICO DE SÉRIE TEMPORAL	
<ul style="list-style-type: none"> Paula Pitanga Galvão de Carvalho Rebeca Ataíde de Cerqueira Taline Caetano Teixeira Alves Thiago Barbosa Vivas 	
DOI 10.22533/at.ed.17720110218	
CAPÍTULO 19	205
HEMOGLOBINÚRIA PAROXÍSTICA NOTURNA EM JOVEM NA AMAZÔNIA OCIDENTAL: RELATO DE CASO	
<ul style="list-style-type: none"> Lorena Carlesso Vicensi de Assunção Louise Araújo Lambert Fernanda Araújo de Melo Paulo Artur da Silva Rodrigues Roberto Egídio Brelaz Goulart Maria Carolina Borrasca Ramos da Silva Leonardo Magalhães Braña Leonardo Assad Lomonaco 	
DOI 10.22533/at.ed.17720110219	
SOBRE A ORGANIZADORA	211
ÍNDICE REMISSIVO	212

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

Data de submissão: 04/11/2019

Data de aceite: 30/01/2020

Marcelo Xavier de Oliveira

Universidade Federal do Acre, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Acre

<https://orcid.org/0000-0002-8751-6426>

Renata da Silva Araújo

Universidade Federal do Acre, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Acre

<http://lattes.cnpq.br/0204358646816993>

Vânia Damasceno Costa

Universidade Federal do Acre, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Acre

<http://lattes.cnpq.br/9273885436548657>

RESUMO: A violência está na agenda mundial de programas de saúde que visam a sua prevenção. Pode-se incluir na categoria de comportamentos antissociais, tanto comportamentos estritamente delitivos como aqueles que, mesmo não sendo ilegais, são considerados danosos para a sociedade. A compreensão destes comportamentos no contexto da adolescência se justifica pela intensificação que estes costumam apresentar uma vez perpetrado um comportamento antissocial. Desta forma, o conhecimento das representações sociais dos adolescentes acerca do comportamento antissocial na

adolescência permite identificar as significações que se associam a este fenômeno. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas e, posteriormente, transcritas para análise de conteúdo segundo Bardin. A amostra foi composta de 13 adolescentes com idades entre 14 e 18 anos, 10 do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Quanto a escolaridade, participaram 1 do 9º ano do ensino fundamental, 3 do 1º ano do ensino médio, 2 do 2º ano e 7 do 3º ano. Os conteúdos de representação do comportamento antissocial e do delito na adolescência emergem indissociados para alguns adolescentes. Para estes, ter um “mau comportamento” ou um comportamento de “delinquência” estaria associado a “quebrar regras”. Esta representação se insere numa das categorias do estudo, “adolescência”, na qual a “rebelia” e “desrespeito” surgem como norma. Há uma outra categoria de representação para o comportamento delitivo que, quando se expressa por signos como: “tráfico” e “roubar”, tende a atribuir a causalidade dos comportamentos não apenas à fase da adolescência, mas como uma qualidade específica de quem apresenta estes comportamentos. Conclui-se que as representações emergidas nas falas dos adolescentes evidenciam formas distintas de se significar os comportamentos antissociais na adolescência, que remetem às normas sociais diferentes. O conhecimento destas

representações permite compreender como os adolescentes justificam a adoção de seu comportamento e como valoram o comportamento observado em outros do mesmo grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, Comportamento Antissocial, Representações Sociais, Psicologia.

SOCIAL REPRESENTATIONS OF ANTISOCIAL BEHAVIOR IN ADOLESCENCE

ABSTRACT: Healthcare programs worldwide have violence in their agenda for prevention and eradication. Both strictly criminal behaviors and those that, even if legal, are considered harmful to society, can be included in the category of antisocial behaviors. Understanding of these behaviors in the context of adolescence is justified by the escalation they present once an antisocial behavior is perpetrated. That way, the knowledge on the teenagers' social representations regarding antisocial behavior in adolescence allows for identification of significance associated with this phenomenon. For such, semi structured interviews were performed, recorded and, after, transcribed for content analysis, according to Bardin. The sample was composed of 13 teenagers, ages from 14 to 18 years old, 10 males and 3 females. About schooling, 1 was in the 9th year in middle school, 3 were in the 1st year of high school, 2 in the 2nd and 7 in the 3rd year. The representation contents of antisocial behavior and delinquency in adolescence emerge undissociated for some teens. For these, "misbehaving" or acting with "delinquency" would be related to "breaking rules". This representation is inserted in a class of "adolescence", in which "indiscipline" and "disrespect" rise as a norm. There is another representation category for delitive behavior that, when expressed by signs such as: "trafficking" and "stealing", tends to attach the cause of these behaviors not only to the adolescence phase, but as a specific quality of those who present these conducts. Therefore, it is concluded that representations emerged from the teenagers speeches evidence different ways of signifying antisocial behaviors in adolescence, those of which refer to distinct social standards. Knowledge of these representations allow for comprehension of how teenagers justify the adoption of their behavior and how they value that conduct observed in others in the same group.

KEYWORDS: Adolescence, Antisocial Behavior, Social Representations, Psychology.

1 | INTRODUÇÃO

Nas décadas pré-industriais não havia uma compreensão de adolescência, nem mesmo se pensava na elaboração desse conceito a fim de demarcar uma nova etapa do desenvolvimento humano. A passagem da infância para a vida adulta era demarcada pelo desenvolvimento físico ou mesmo quando as crianças iniciavam uma vida profissional, contribuindo assim para o avanço das sociedades da época.

O surgimento da adolescência, tal como ela se apresenta nos dias atuais, está

datada no século XX, onde se destacou a “necessidade de prolongar o tempo de formação dos jovens, com o intuito de prepará-los para as novas demandas de trabalho geradas pela industrialização emergente” (BARONCELLI, 2012, p. 190), que foi o que sustentou a construção social do que é ser adolescente.

Nas sociedades modernas, essa passagem é marcada por diversos eventos desencadeadores de mudanças no indivíduo, sendo a adolescência vista como “uma transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 381).

Ao longo do surgimento desse conceito, os jovens passaram a manifestar-se em ações grupais imbricando uma projeção cultural e a delimitação de componentes que diz respeito ao *adolescere*. Esta ação, colocou o adolescente no mundo como produtor e produto das condições necessárias para a vida, de modo que seus pensamentos e comportamentos fossem orientados pelas representações formadas acerca da realidade objetiva.

No campo das representações, a Teoria das Representações Sociais se apresenta como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, *apud* MARTINS, 2003, p. 557). Essa concepção devolve aos indivíduos a sua importância na formação do conhecimento, e afirma a sua participação ativa na modificação do cenário material, assim, passam de receptores e produtos das construções realizadas socialmente para produtores.

O objetivo principal da Teoria das Representações Sociais é transformar algo que não é familiar em conhecido. Para se chegar a isso, Moscovici (2003) aponta os processos de ancoragem e objetivação como etapas necessárias. O primeiro processo permite a incorporação de algo pouco familiar e problemático ao nosso sistema de categorias e a comparação deste com o que consideramos um membro comum dessa categoria. Quando fazemos isso classificamos e denominamos algo, atribuindo-lhe características, que poderão modificar nossas atitudes de acordo como o nomeamos.

Já a objetivação é o processo mediante o qual conceitos abstratos tornam-se experiências concretas e palpáveis, pois é ela quem vai encher de realidade os conceitos não familiares (MOSCOVICI, 2003). Esse segundo processo é realizado através da transformação icônica, em que se estabelece uma associação entre um conceito e uma imagem, e da naturalização, onde as imagens tornam-se realidades concretas.

Entendendo as Representações Sociais como um sistema de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material (MOSCOVICI, 2003), evidenciamos a importância destas para a vivência do adolescente, pois, é nesta etapa em que ele começa a se defrontar com a necessidade de definir a sua vida diante das novas questões existenciais, das quais estão relacionadas com a sexualidade, os estudos, relacionamentos de amizade,

escolhas profissionais e interpessoais, e que demandam decisões a curto, médio e longo prazo.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar as representações sociais do comportamento antissocial na adolescência, de modo a conhecer as representações sociais que os adolescentes possuem sobre esse período, uma vez que a partir disso podemos compreender como estas orientam suas ações a partir do modo como os adolescentes categorizam estes comportamentos.

2 | OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar as representações sociais do comportamento antissocial e delitivo na adolescência em estudantes da rede pública de Rio Branco, Acre.

2.2 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral mencionado anteriormente, se faz necessário alcançar os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as representações sociais acerca da adolescência;
2. Identificar as representações sociais acerca do mau comportamento;
3. Identificar as representações sociais acerca do comportamento delitivo;

3 | METODOLOGIA

3.1 Delineamento

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, corte transversal e abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa objetiva compreender como o fenômeno estudado se constitui, suas características e sua historicidade, prioriza a realidade em diversos aspectos, considerando o universo de significados que as engendram, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceitos e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

Desse modo, para realização da análise do comportamento antissocial e delitivo é preciso conhecer as representações sociais na ótica do próprio adolescente. A pesquisa qualitativa propicia o conhecimento do fenômeno dando voz aos que

o sentem e vivenciam, podendo desta forma ampliar a compreensão do objeto estudado, considerando os diferentes aspectos que o compõem. Neste sentido, a pesquisa qualitativa define sua utilidade quando busca “acompanhar e aprofundar algum problema levantado por estudos quantitativos ou, por outro lado, para abrir perspectivas e variáveis a serem posteriormente utilizadas em levantamentos estatísticos” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245).

O uso da pesquisa qualitativa permite, dentre outros, estabelecer fatores de determinado fenômeno, a partir da perspectiva analítica do real, por meio da população estudada, adequando-se como ferramenta para a construção de formulários quantitativos quando utilizada a priori e para clarificar e ilustrar dados quantitativos, quando utilizada a posteriori, ou seja, auxilia a aprofundar e melhorar a qualidade da interpretação, amplia o entendimento sobre o objeto de estudo e melhor esclarecer os dados quantitativos, pois capta as nuances da percepção dos entrevistados para ampliar a compreensão da realidade vivida pelos respondentes e aprofunda a questão de como as pessoas percebem os fenômenos estudados (CÂMARA, 2013, p. 180)

3.2 Participantes

A amostra foi constituída por estudantes de uma escola pública de ensino fundamental (nono ano) e médio (de primeiro a terceiro ano) da cidade de Rio Branco, Acre. Participaram 13 estudantes, sendo 10 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, com idades variando entre 14 a 18 anos e idade média de 16,3. Quanto a escolaridade, participaram 3 do 1º ano do ensino médio, 2 do 2º ano, 7 do 3º ano e 1 do nono ano do ensino fundamental.

3.3 Instrumentos de coleta dos dados

A entrevista tem sido cada vez mais utilizada como instrumento de coleta de dados nas pesquisas qualitativas, tanto por suas vantagens, quanto por se tratar de uma técnica de interação social, sendo o discurso o produto da investigação.

A fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245).

Quanto as vantagens, ela pode ser empregada em diferentes faixas etárias, em amplo segmento da população, seja ele alfabetizado ou não, em diferentes contextos e também atender a uma variedade de objetivos. Outro aspecto diz respeito a flexibilidade da entrevista, nela o entrevistador pode repetir a pergunta e/ou formular de maneira diferente, garantindo que o questionamento foi compreendido em sua totalidade.

Assim, para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, contendo 9 perguntas relacionadas a vivência do que é ser adolescente, ao mau comportamento, ao comportamento delinquente, as motivações desses comportamentos e a quem

eles observam se comportando dessa maneira. A modalidade de entrevista escolhida possui perguntas pré-estabelecidas, como um roteiro de orientação, mas não cristalizadas e sim com a possibilidade do pesquisador expandir as perguntas ou buscar melhores esclarecimentos, sempre que necessário, permitindo assim uma exploração significativa do fenômeno estudado.

O propósito da entrevista detalhada não seria, portanto, o de fornecer respostas a perguntas específicas, nem mesmo o de testar hipóteses ou avaliar algo específico, mas buscar tentativas de compreender a experiência de outras pessoas e os significados que elas atribuem para essas experiências (MIGUEL, 2010, p. 2).

3.4 Procedimentos de coleta dos dados

Inicialmente, foi realizado o contato com a direção da escola que autorizou a realização da pesquisa. Pouco tempo depois, os alunos foram contatados nas salas de aula, no horário de funcionamento normativo, onde houve a identificação dos pesquisadores pela coordenação da escola, e a explicação do objetivo da pesquisa, como ela seria realizada e outros apontamentos existentes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente, foi solicitado que os alunos interessados em participar levantassem a mão, já sendo definido a data das primeiras entrevistas a serem realizadas, vale salientar que somente participaram da pesquisa os adolescentes que obtiveram as assinaturas dos seus responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Na data combinada os pesquisadores se dirigiram a escola para coleta dos dados. As entrevistas, foram realizadas individualmente em uma sala cedida pela coordenação, onde foram gravadas com autorização prévia dos participantes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinatura do Termo de Assentimento e, posteriormente, transcritas de forma literal.

3.5 Análise dos dados

Como procedimento para análise das entrevistas, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo segundo Bardin (2011).

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (CÂMARA, 2013, p. 182).

Nesta perspectiva, foram criadas categorias e subcategorias, elaboradas após a realização das entrevistas, levando-se em conta o conteúdo das mesmas.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Adolescência como fase de transição

Com a análise de conteúdo das entrevistas foi possível identificar que as *representações sociais acerca da adolescência* giram em torno de um núcleo figurativo na qual a concepção de fase de transição orienta os comportamentos e atitudes dos adolescentes.

“Eu acho assim... eu não sei bem explicar, pois ele é de fases, adolescentes nunca é uma linha só, ele é várias coisas, passa por várias coisas e em cada momento é uma coisa diferente” (Aluna L, 17 anos, feminino, 3º ano do ensino médio).

O que corrobora com o apontado na literatura por Quiroga & Vitalle (2013) quando ressalta:

A adolescência como o período em que ocorrem as transformações para atingir o estágio adulto, e que se manifestam nos aspectos biopsicossociais que constituem o indivíduo. Essas transformações permeiam a vida social do indivíduo nesta etapa de construção da identidade. Pode-se inferir [...] que a representação social da adolescência passou a ser vinculada a um período de incertezas, caracterizado pelo que se poderia comparar a um espaço fronteiro entre a forma infantil e a forma adulta. Com efeito, é durante esse período de instabilidade que se configura uma concorrência de situações e experiências pelas quais o adolescente irá se confrontar até chegar à idade adulta (p. 185).

Desse modo, a adolescência está diretamente relacionada a um momento transitório, onde a ideia de período preparatório para a vida adulta e para lidar com as responsabilidades decorrentes dela se fazem presentes.

“Não sei explicar bem, no meu ponto de vista, ser adolescente é uma fase que a pessoa tá se preparando pra uma fase adulta, que ela vai ter várias responsabilidades na vida dela” (Aluno C, 18 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“É ser uma pessoa livre, ter responsabilidade, mas tem alegrias também”. (Aluno B, 17 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

Outro aspecto que se relaciona a noção de período preparatório é a presença da necessidade de adquirir conhecimento e descobrir coisas novas, ressaltada pelos entrevistados.

“Ser adolescente... não sei, acho que é tipo uma fase que a pessoa descobre coisas, descobre o mundo, né, ser adolescente... não sei, ô, é uma pergunta muito complexa” (Aluno D, 17 anos, masculino, 2º ano do ensino médio).

“Ser um adolescente... pra mim é ter uma certa liberdade, não muita, estudar, ter obrigações, só” (Aluno G, 14 anos, masculino, 1º ano do ensino médio).

“Ah, é bom, né, que assim a gente aprende muito, né, porque um adolescente pra mim acho que... aí, (risos tímidos), tô sem palavras, mas um adolescente acho que

assim que além de ser assim, aprende mais para quando chegar na faculdade, é o meu sonho chegar na minha faculdade de Biomedicina, cursar meus cursos, assim, aprender mais antes de ir, né, eu acho que isso é um adolescente” (Aluna H, 14 anos, feminino, 9º ano do ensino fundamental).

Entrevistado: “Hum... eu acho que pra ser adolescente mesmo tem que saber...”
Entrevistadora: “Saber o que, por exemplo? ”

Entrevistado: “Tipo...estudar na escola, tipo isso aí... só... (Aluno I, masculino, 15 anos, 1º ano do ensino médio).

“Ser adolescente é... (Pausa curta), estudar, não trabalhar, né, só se for tipo menor aprendiz, só, pra mim, e estudar só isso” (Aluno J, masculino, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

“É estudar, né, trabalhar, se formar” (Aluno K, masculino, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Essa representação configura aos adolescentes uma identidade de estudante, que demonstra uma construção pautada na necessidade de aprimoramento para idade adulta e reflete a ideia de responsabilidade, tal como ocorreu nas análises de Martins, Trindade e Almeida (2003), em que ser adolescente significa aderir a um discurso de compromisso, sobretudo com a própria educação, com o próprio futuro e com a própria vida. Sendo assim, é possível perceber que os relatos dos adolescentes retratam a adolescência como um período de conhecimento para assim adentrar ao mundo do trabalho. É importante neste sentido, destacar que estes adolescentes estudam em período diurno e com isso em sua maioria não são trabalhadores formais, o que poderia ser diferente se os participantes fossem adolescentes que estudam no período noturno, que comumente, já são trabalhadores e com outras condições materiais de vida.

4.2 Das dificuldades iniciais ao comportamento antissocial

Por outro lado, a adolescência surge também como um momento complexo, em que as questões vivenciadas envolvem: a dificuldade na tomada de decisão, a sensibilidade do corpo e o embate em cuidar dos diferentes aspectos da vida cotidiana.

“Ser adolescente é uma fase muito complicada, por que tem... esse mundo da droga, né, tem também o do trabalho, só” (Aluna L, 17 anos, feminino, 3º ano do ensino médio).

Entrevistada: “é complicado”

Entrevistadora: “por quê? ”

Entrevistada: “porque a gente passa por várias coisas, a gente fica mais sensível, essas coisas”

Entrevistadora: “que tipo de sensibilidade? ”

Entrevistada: “tipo, qualquer coisa que as pessoas fazem a gente se afeta fácil, a gente se incomoda com várias coisas” (Aluna L, 17 anos, feminino, 3º ano do ensino médio).

“É... (Pausa curta), é meio difícil porque você é muito julgado, é um momento de escolha da sua vida, você decide o que quer fazer pro resto da sua vida, e isso é muito importante, né” (Aluno M, 16 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

A percepção da adolescência como uma experiência difícil está presente desde o início do estudo da temática, antes mesmo de se consolidar as características do que é ser adolescente, e, é explicada por pioneiros no campo como uma luta de forças contraditórias que se desenrolam nesse período (Muuss, 1976). Desse modo,

[...] a adolescência se torna um discurso de mercado que simultaneamente revela e produz visões e experiências de ser adolescente. Tais raízes históricas são raramente levadas em consideração nos estudos clássicos sobre o tema. Ao invés disso, a adolescência tem sido tradicionalmente descrita como um período inerentemente problemático em que a irresponsabilidade, a rebeldia gratuita e as identificações massificadas com grupos e tribos predominam não como consequência de tais forças, mas como um efeito previsível numa adolescência dita normal (BARONCELLI, 2012, p. 190).

É importante destacar a influência do *marketing* na construção dessa identidade, pois, muitas vezes, as características apresentadas por um ou outro indivíduo é tomada como verdade absoluta e logo as campanhas publicitárias se apropriam desses aspectos isolados para compor o imaginário social de modo a construir novos traços do que é ser juvenil. Assim,

O sensacionalismo presente em certos meios de comunicação generaliza toda a população adolescente, de traços inferidos a partir de certos fatos chamativos de algumas minorias, tais como a exagerada importância atribuída a manifestações superficiais de inconformismo, criando-se estereótipos sobre a tempestade adolescente (CÁRDENAS, 2000 *apud* MARTINS, 2003, p. 557)

Da mesma maneira nasce a associação da imagem do adolescente ao mau comportamento, sendo as práticas que envolvem a rebeldia e a ação por impulso as mais frequentes, sendo elas relacionadas ao comportamento delitivo posteriormente.

“No meu caso, eu acho que um adolescente.. Ele age de uma forma assim muito interativa com assim... deixa eu ver... é.. Age de uma maneira rebelde assim, tem uns que são e outros que não” (Aluno A, 18 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

Entrevistado: “dependendo do tipo, se for um adolescente tranquilo ele vai na moralzinha, né, tranquilo, sem mexer com ninguém, agora tem adolescente que é da bagaceira, como que fala”

Entrevistadora: “entendi, e o que é ser da bagaceira?”

Entrevistado: “da bagaceira é bagunceiro, alunos que não tem responsabilidade, tem muita gente aí né, adolescente, que não tem responsabilidade na vida” (Aluno B, 17 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Bom, eu acho que adolescente, tipo se a gente não tem muito opinião formada e conhecimento, então ele age só por impulso” (Aluno D, 17 anos, masculino, 2º ano

do ensino médio).

“Geralmente os adolescentes tem comportamentos brutos, eles não gostam de ser tratados de uma maneira que as pessoas gritam com ele ou xingam e eles tem comportamento... tem gente que tem comportamento quieto na adolescência. Eu não, já eu sou uma pouco mais abusada, já vou falando o que acho da pessoa” (Aluna F, 15 anos, feminino, 1º ano do ensino médio).

“Impulsivos, alguns são muito impulsivos, tem uns que são mais temperados assim, já outros são calmos, muitos inteligentes... (pausa longa), só (risos tímidos) (Aluno G, 14 anos, masculino, 1º ano do ensino médio).

“É, né, o jeito, a idade, né, tem muitos aí que também são muito arrogantes, que quer ser o doidão, né, essa é também a característica que eu observo mais” (Aluna H, 14 anos, feminino, 9º ano do ensino fundamental).

Frota (2007) citando Abramo (1994) elenca que essas identidades são “marcadas por imagens produzidas de “ser jovem”, muitas vezes associadas à rebeldia e contestação de regras”, sendo possível verificar tais representações quando perguntado a amostra o que é um comportamento delinquente.

“É... comportamento delinquente, tipo não ser uma pessoa presente com a educação, ser muito rebelde, ser rebelde é um comportamento delinquente, é não ter vocabulário para falar com as pessoas, ser ignorante, é isso” (Aluno A, 18 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Hum... na minha opinião delinquente é faz atos insanos, segundo a polícia, eu acho, é... comete crimes, acho que é isso” (Aluno B, 17 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Na escola, tem o delinquente que... é... é meio louco assim (risos tímidos), tipo quebra cadeira, briga com todo mundo, sai da sala sem permissão, a rotina da escola ele não cumpre, é isso” (Aluno G, 14 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Falta de respeito” (Aluno I, 15 anos, masculino, 1º ano do ensino médio).

Entrevistado: “rapaz, é fumar, roubar, matar, traficar, andar com armas e usar drogas”

Entrevistadora: “que tipo de drogas? ”

Entrevistado: “fumar maconha, cheirar pó” (Aluno K, 17 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Fazer coisas que a sociedade não permite, tipo ser vândalo” (Aluna L, 17 anos, feminino, 3º ano do ensino médio).

“Delinquente, que eu considero, são os ladrões, assassinos, essas pessoas que a polícia corre atrás” (Aluno M, 16 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

Quando perguntados sobre quem visualizavam tendo esse tipo de comportamento elencaram principalmente os amigos e conhecidos na mesma faixa etária, ou seja, os jovens no geral.

“Ah, os vizinhos, né, os amigos” (Aluno a, 18 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

Entrevistado: “ no geral, jovens, adolescentes”

Entrevistadora: “mas é mais comportamento delinquente ou mau comportamento?”

Entrevistado: “comportamento delinquente” (Aluno B, 17 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Pessoas... acho que mais adolescentes mesmo, pessoas que não sabem, não tão fazendo o que é pra fazer, tão agindo de outro jeito” (Aluno C, 18 anos, masculino, 3º ano do ensino médio).

“Tem várias colegas minhas que faz isso” (Aluna F, 15 anos, feminino, 1º ano do ensino médio).

“Perto de onde eu moro tem uns vizinhos assim que praticam esses tipos de coisas, daqui da escola tem alunos assim que eu também vejo, não são exemplos de pessoas a seguir, entendeu? ” (Aluno G, 14 anos, masculino, 1º ano do ensino médio).

“Amigos, colegas, conhecidos” (Aluno I, masculino, 15 anos, 1º ano do ensino médio).

“Alguns alunos que ficam na porta das salas e as mulheres mandam entrar e eles desobedecem” (Aluno J, masculino, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

“Os amigos, né, parentes próximos e vizinhos” (Aluno K, masculino, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

“Os meninos, eles são mais cabeça quente, já as meninas são mais sensíveis” (Aluna L, 17 anos, feminino, 3º ano do ensino médio).

O estudo realizado por Paixão, Almeida e Lima (2012) reforça o discurso da amostra, evidenciando que a rebeldia permanece como uma negativa marca da adolescência, assim como a transgressão às normas. Na pesquisa mencionada, quando questionados acerca do que o adolescente faz, um total de 225 jovens, 38,7%, escreveram histórias em que os mesmos apareciam praticando atos ilícitos, como uso de drogas, roubo, assalto, crimes.

As drogas e a transgressão aparecem com forte vínculo à imagem do adolescente, corroborando a ideia de que a representação social da adolescência vem acompanhada de traços negativos cuja característica principal é a transgressão às normas, a lei, a ordem. (PAIXÃO, ALMEIDA & LIMA, 2012, p. 283)

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as representações sociais do comportamento antissocial na adolescência. Com base nos resultados, infere-se que as representações sobre a adolescência ainda se configuram em torno do modelo explicativo relacionado as teorias biológicas, caracterizando a vivência desse período como uma fase transitória entre a infantilidade e o ser adulto. Cabe salientar que esta pesquisa foi realizada com adolescentes estudantes do período diurno e com isso é possível entender que este

grupo não é o de adolescentes trabalhadores, que nos mostraria, talvez, outra forma de percepção e vivência da adolescência em função das diferentes experiências.

Outro aspecto é a perspectiva negativa atribuída a adolescência, em que estereótipos de mau comportamento, rebeldia e impulsividade prevalecem, enraizando as concepções exploradas nas comunicações, o que pode reverberar nos discursos dos adolescentes sem a crítica sobre como os caracterizam, mas aceitando os estereótipos que lhes foram impostos e por vezes assumindo tais comportamentos. É importante mencionar que as representações emergidas nas falas dos adolescentes evidenciam formas distintas de significar os comportamentos antissociais na adolescência, que remetem às normas sociais distintas. O conhecimento destas representações permite a compreensão das justificativas utilizadas para a adoção de comportamentos e como valoram o comportamento observado em outros adolescentes.

REFERÊNCIAS

BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. 18, n. 2, p. 188-196. Jul.– Dez. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. rev. [Importado de Portugal]: Edições 70- Brasil, 2011.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**. v. 6, n. 2. P. 179-191. Jul. – Dez. 2013.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 4, n. 3, p. 555-568, 2003.

MIGUEL, F. V. C. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia**, PPGEL / UFRN. n. 5, p. 2-11. Jan. – Jun. 2010.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**. v. 9, n. 3, p. 239-262. Jul. – Set. 1993.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUUSS, R. E. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PAIXÃO, D. L. L.; ALMEIDA, A. M. O.; LIMA, F. R. Representações sociais da adolescência por adolescentes e jovens. **Psicologia e Saber Social**. v. 1, n. 2, p. 278-294, 2012.

QUIROGA, F. L.; VITALLE, M. S. S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. v. 23, n. 3, p. 863-878, 2013.

SOBRE A ORGANIZADORA

Marilande Carvalho de Andrade Silva: Mestre em Ergonomia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2018). Especialista em Clínica Cirúrgica, Sala de Recuperação Pós-Anestésica e Central de Materiais e Esterilização pelo Instituto de Ensino Superior Santa Cecília (2010). Especialista em Unidade de Terapia Intensiva pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e extensão (2007). Especialista em Programa de Saúde da Família pelo Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (2006) e Graduada em Enfermagem pela Fundação de Ensino Superior de Olinda - FUNESO (2004). Atualmente trabalha no Hospital das Clínicas da UFPE, na Central de Materiais e Esterilização. Concursada pela UFPE desde 1992. Atuou como Enfermeira na Urgência/Emergência do HSE pela COOPSERSA (2005-2007). Atuou como Coordenadora de Enfermagem do Centro Cirúrgico e CME no Hospital Prontolinda (2007-2010). Atuou como Enfermeira de Central de Materiais e Esterilização do HSE (2012).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 33, 35, 36, 89, 114, 115, 145, 159, 162, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 185, 189, 190, 191

Aleitamento materno 45, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 78, 83, 103

Alimentação artificial 50

Alimentação complementar 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78

Anemia ferropriva 71, 78

Anquiloglossia 39, 40, 41, 45, 46, 48

Assistência 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 32, 33, 37, 46, 107, 118, 137, 145, 148, 149, 151, 186, 188, 189, 203

Assistência de enfermagem 2, 8, 14, 107

Autismo 101, 102, 103, 105, 106, 107, 110, 145, 146, 147, 148, 153, 155

B

Berçários 15, 16, 18, 20, 29

C

Clínica odontológica 145

Comportamento Antissocial 167, 168, 170, 174, 177

Comunicação 3, 7, 10, 11, 12, 14, 26, 81, 82, 83, 85, 103, 104, 107, 110, 145, 147, 149, 151, 152, 153, 172, 175, 188

Consumo de Alimentos 70, 71, 76, 77

Creches 16, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 70, 72, 77, 79

Cuidado pré-natal 31

D

Desenvolvimento Infantil 16, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 85, 86, 87, 139, 187, 188

Desmame 41, 50, 52, 59, 62, 126

Desnutrição 51, 133, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Doença crônica 117

Doenças cardiovasculares 128, 130, 135

E

Equipe tratamento 101

Escalas de Avaliação 16, 27

Esquizofrenia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Esquizofrenia infantil 108, 109, 110, 111, 112

Estudos Transversais 71

Evolução 3, 9, 29, 38, 52, 101, 103, 109, 131, 133, 165

F

Freio Lingual 40, 41, 45, 46

G

Guia Alimentar 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78

H

Homicídio 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 165

I

Idade materna 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 59, 64, 73, 74

Índice Apgar 31

M

Maternidades 2, 39, 42, 43, 45, 46, 49, 52, 53

Motor 16, 20, 21, 26, 27, 29, 30, 60, 84, 87, 103, 109, 113, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 195

N

Neurocognitivo 101, 102, 103

Neurológico 117, 148

O

Obstetrícia 1, 3, 31, 204

P

Parto obstétrico 31

Paternidade 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Pré-escolar 70, 73, 76, 82

Protocolo Clínico 40

Psicologia 95, 97, 98, 99, 101, 102, 109, 115, 149, 155, 168, 178, 179, 180, 182, 188, 190, 191

Psicoses infantis 108, 109

Q

Qualidade ambiental 16, 17, 25, 27

R

Recém-Nascido 31, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 42, 45, 46, 48, 194

Representações Sociais 167, 168, 169, 170, 173, 177, 178

Revisão sistemática 51, 63, 128, 130, 131, 132, 155, 179, 180, 181, 188

S

Segurança do paciente 1, 2, 3, 6, 7, 10, 14

Síndrome da Imunodeficiência Adquirida 128, 129, 130, 133, 137, 138

SUS 54, 145, 151, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202

T

Transtorno do Espectro Autista 100, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 111, 112, 145, 146, 148, 155

Triagem 19, 21, 23, 29, 30, 42, 81, 82, 84, 85, 86, 87

V

Violência 149, 156, 157, 158, 159, 163, 164, 165, 166, 167, 188

 **Atena**
Editora

2 0 2 0